

GEACIQ INDICA- ERER

Vamos falar sobre os Povos Indígenas?

MATERIAIS EDUCATIVOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA



ANA JANETE GUARANI



RENATA TUPINIKIM



ADRIANA TUPINIKIM



MARCELO GUARANI

MAIO/2025

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Governador José Renato Casagrande

Vice-governador Ricardo de Rezende Ferraço

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO
SANTO**

Secretário Vitor Amorim de Angelo

SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

Subsecretária Andréa Guzzo Pereira

**GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, DO CAMPO,
INDÍGENA E QUILOMBOLA**

Gerente Aline de Freitas Dias

Subgerente Monique Santiago de Carvalho

Coordenadora da Ceafo Kelly Cristina Soares Lima

ORGANIZAÇÃO

Aline de Freitas Dias

Monique Santiago de Carvalho

Kelly Cristina Soares Lima

PRODUÇÃO PEDAGÓGICA

**Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e
Quilombola**

AUTORES

Adriana Vitoriano Barbosa

Aline de Freitas Dias

Ana Paula Azevedo Moura Careta

Eloá Carvalho Pires

Haryany Santos Rocha

Jorge Vinícius Monteiro Vianna

Kelly Cristina Soares Lima

Luanne Lima Ferreira

Marcia Helena do Nascimento

REVISÃO DA REDAÇÃO

**Gerência de Educação Antirracista, do Campo,
Indígena e Quilombola**

PRODUÇÃO GRÁFICA

**Gerência de Educação Antirracista, do Campo,
Indígena e Quilombola**

COLABORADORES

Alex Sandro Zorzal Vargas

Ana Paula Giestas Medeiros

Clara Novaes Assunção

Jorcy Foerste Jacob

Kleidiana Cassia Silva Borges

Sara Kaliana de Almeida Ferreira



**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**

Secretaria da Educação

APRESENTAÇÃO

"Vamos falar sobre os Povos Indígenas?" é um convite ao diálogo, à escuta atenta e ao reconhecimento da diversidade dos povos originários que habitam este território muito antes da noção de Brasil. Este material pedagógico foi elaborado com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre as culturas, línguas, modos de vida e lutas dos povos indígenas.

Este material propõe reflexões críticas que valorizam as vozes indígenas, promovem o respeito às diferenças e incentivam o protagonismo dos estudantes no combate aos estereótipos e ao preconceito. Aqui, buscamos romper com visões simplificadas e excludentes, destacando a presença indígena como viva, múltipla e em constante movimento.

Esperamos que este material seja uma ferramenta sensível, potente e transformadora dentro e fora da sala de aula — um passo importante para a construção de uma educação verdadeiramente intercultural e antirracista.



Agradecimento

A Secretaria Estadual de Educação (Sedu), por meio da Comissão Permanente de Estudos Afro-Brasileiros (Ceafro), integrada à Gerência de Educação Antirracista, do Campo, Indígena e Quilombola (Geaciq), agradece as comunidades indígenas de Aracruz, em especial as pessoas que tornaram possível a produção deste material:

Adriana Vitoriano Barbosa
Alcilene da Conceição Pereira
Amarildo Tupinikim
Ana Janete Marines Lopes
Ará Guarani
Edith Maria da Conceição Pereira
Eunício Barbosa da Conceição
Fernanda Moraes Keretxu
Marcelo Oliveira da Silva
Marineia Pereira de Souza
Patrícia Tahua
Renata Ferreira Bento
Valdemir de Almeida Silva
Wellington Tupinikim



ÍNDICE

O que sabemos sobre os povos indígenas?	07
Dia dos Povos Indígenas - entenda!	11
Representatividades Indígenas que você precisa conhecer!	18
A diversidade de povos e fenótipos!	58
A presença de Povos Indígenas no nosso estado!	62
Vamos repensar as nossas expressões!	74
Sugestões de Materiais Educativos!	78
Povos Indígenas na pauta antirracista!	82

“[...] Nossos avós diziam que quando vamos encontrar alguém, temos que ir com o coração aberto e alegre para que o encontro seja bom, desejando que as pessoas que estão no lugar se sintam da mesma forma’. Ao lembrar que estarmos conectados com o meio ambiente é estarmos conectados com a poesia do universo”

Valdemir de Almeida Silva
Livro Etnologia Indígena



O que sabemos sobre os povos indígenas?

[Voltar ao Índice](#)

[Veja](#)





Os povos indígenas compõem a formação de nossa sociedade. Eles são a base da formação da nossa identidade enquanto povo brasileiro. Por isso, é fundamental que conheçamos suas histórias, valorizemos seus costumes e respeitemos suas terras e suas memórias, sem estigmas ou estereótipos.

Veja



Durante muito tempo, a história do Brasil foi contada somente a partir de 1500, como se antes desse período não houvesse nada de significativo que merecesse ser apresentado, ser registrado. Isso ocorreu porque a história foi contada a partir da perspectiva do colonizador, ou seja, sob uma ótica eurocêntrica. Na verdade, segundo registros da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), na época da invasão do Brasil, estima-se que havia por volta de **1500 povos, entre 3 a 5 milhões de habitantes**, que falavam cerca de **1200 línguas**.

No censo de 2000, a população indígena era de 294 mil pessoas. No censo de 2010, cerca de 900 mil pessoas se declararam indígenas. Além disso, foram registradas 305 etnias e 274 línguas diferentes.

População indígena, por situação do domicílio,
segundo a localização do domicílio – Brasil - 2010

Localização do domicílio	População indígena por situação do domicílio		
	Total	Urbana	Rural
Total	896 917	324 834	572 083
Terras Indígenas	517 383	25 963	491 420
Fora de Terras Indígenas	379 534	298 871	80 663

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Atualmente, o número de pessoas que se autodeclararam como indígenas, de acordo com o censo de 2022, é de 1.693.535, o que representa 0,83% da população total do país. Cerca de 53,97% residem em áreas urbanas, enquanto 46,03%, em áreas rurais. Acredita-se que existam pelo menos 114 grupos de indígenas isolados na parte brasileira da floresta amazônica.

Se compararmos os dados dos últimos três censos (2000-2010-2022), constatamos um aumento considerável de pessoas se autodeclarando indígena. Essa mudança se deve à luta dos povos indígenas pelo reconhecimento e valorização. As vozes, agora, são dos próprios indígenas. São eles os autores e narradores de suas histórias, memórias e de suas conquistas. E essa perspectiva faz toda a diferença na desconstrução de estereótipos, para a construção do respeito, valorização, preservação e ressignificação cultural dessa diversidade de povos e culturas indígenas.





19 DE ABRIL

DIA DOS POVOS INDÍGENAS

[Voltar ao Índice](#)

Entenda



Las mesas de los congresistas durante el Primer Congreso Indigenista Interamericano. Pátzcuaro, Michoacán, 1940. Imagen: Archivo Roquette-Pinto, Academia Brasileña de Letras.

Em 1940, ocorreu, em Pátzcuaro, no México, entre os dias 14 e 24 de abril, o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, durante o qual se definiu o dia 19 de abril como o Dia dos Povos Indígenas, para lembrar a data em que, pela primeira vez, representantes indígenas fizeram parte de um Congresso para reivindicar seus direitos. Apesar da importância da data, apenas quatro países contavam com representatividades indígenas: Estados Unidos, com 14; México, com 32; Panamá, com um; e Chile com dois. O Brasil foi representado pelo médico e antropólogo, Edgar Roquette-Pinto, que não era indígena, mas era membro do Conselho Nacional do Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Essa falta de representatividade fez com que os líderes indígenas vissem com desconfiança o evento, levando-os a se integrarem, de fato, ao Congresso somente no dia 19 de abril. O Congresso teve como principais objetivos: o debate sobre os problemas dos povos indígenas nas Américas e o estabelecimento de diretrizes para a defesa de seus direitos e culturas.

No Brasil, essa data foi instituída em 1943, a partir do Decreto-Lei N° 5.540 de 2 de junho, assinado pelo então Presidente Getúlio Vargas. No entanto, o Dia 19 de abril pouco contribuiu para a garantia de direito dos Povos Originários e, portanto, pouco se tem para comemorar. Por essa razão, no Dia 19 de abril de 2004, em Brasília, lideranças indígenas, que representavam as diversas etnias do Brasil, decidiram fundar o Acampamento Terra Livre (ATL). E, desde então, todos os anos, o movimento indígena se organiza e as lideranças se reúnem em Brasília com o objetivo de mobilizar para garantir os direitos dos povos indígenas do Brasil.



Conheça o ATL



Acampamento Terra Livre

O Acampamento Terra Livre (ATL), a maior Assembleia dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, acontece todo mês de abril, desde 2004, por regra em Brasília – DF, e excepcionalmente, em outro mês e em outra unidade da Federação, a depender da análise da conjuntura nacional e da situação dos direitos indígenas e das deliberações dos dirigentes e das organizações de base do movimento indígena.

O primeiro ATL surge a partir de uma ocupação realizada por povos indígenas do sul do país, na frente do Ministério da Justiça, na Esplanada dos Ministérios, e logo aderida por lideranças e organizações indígenas de outras regiões do país,

principalmente das áreas de abrangência da Coordenação das organizações indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste e Minas Gerais (APOINME).



A mobilização foi uma reação e protesto diante da ausência de sinais concretos sobre os rumos da nova política indigenista que havia sido pactuada durante o período eleitoral e detalhada em propostas específicas voltadas aos povos indígenas. Entre as principais demandas estavam a demarcação do passivo de terras indígenas, a criação de um Conselho Superior de Política Indigenista, o enfrentamento às invasões territoriais e ao aumento da violência contra os povos indígenas, além da garantia de participação desses povos na formulação das políticas que lhes dizem respeito. Os manifestantes ocuparam o salão verde do Congresso Nacional, reivindicando a retomada do diálogo e das negociações com o governo federal.

Assim o ATL inaugurou um marco histórico para o

Movimento Indígena, consolidando as estruturas para a contínua mobilização nacional dos Povos Indígenas do Brasil, possibilitando formalmente a criação da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) em novembro de 2005, deliberação política tomada pelo Acampamento Terra Livre desse ano.



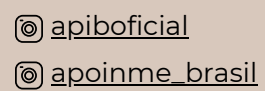
Essas lutas continuadas, até hoje, possibilitaram significativas conquistas como a criação do Conselho Nacional da Política Indigenista (CNPI), da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), da Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial das Terras Indígenas (PNGATI) e da participação de representantes dos povos indígenas em instâncias ou colegiados que tratavam assuntos de seu interesse, relacionados com a promoção e efetivação dos seus direitos fundamentais.

Os documentos finais de cada um dos ATLs apresentam a leitura política do movimento sobre os governos, posicionam-se sobre o processo de desmonte das políticas e estruturas indigenistas do Estado e registram, reiteradamente, as suas demandas e reivindicações históricas.

As reivindicações estão focadas, principalmente, no seu direito originário às terras que, tradicionalmente, ocupam, no seu direito à diferença, a políticas diferenciadas, e no direito à autodeterminação e exercício de sua autonomia, assegurados pela Carta Magna, e pelo fim do indigenismo tutelar, autoritário e integracionista.

Texto retirado e adaptado do [Site Oficial do ATL](#).





Representatividades Indígenas que você precisa conhecer!

[Voltar ao Índice](#)



Adriana Vitoriano Barbosa

- Tesámirĩ



É educadora e professora Tupinikim, moradora da aldeia Caieiras Velha. Faz parte do grupo de dança/congo conhecido como Mulheres Guerreiras Tupinikim (Kunhã Guarinĩ Tupinakyîa), gosta de escrever e, atualmente, está se dedicando a escrita de músicas de congo. Esposa de João Batista; mãe de 3 filhos, Ryan Pablo, Raylan Brenner e Davi Alencar; e vó da Sophia. Nascida no dia 16 de dezembro de 1984, ela é graduada em Ciências Biológicas e Licenciatura Intercultural Indígena (Prolind-Ufes), possui Pós Graduação em Metodologia de Ensino de Ciências Biológicas e Gestão e Educação Ambiental. Atualmente é estudante do curso de Pedagogia Intercultural Indígena (PIIND-Ufes), Gestão Ambiental (Unip) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Inspirada nos saberes dos sábios Tupinikim, em especial nos saberes de seu pai, Eunício Barbosa da Conceição, possui como linha de pesquisa no mestrado: Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar, com a temática “Influência da Lua na Cultura Tupinikim do Estado do Espírito Santo”.

A pesquisa dará continuidade ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentada na graduação do Prolind, que sintetizou o trabalho desenvolvido em sala de aula ao longo de 16 anos, considerando o currículo específico e diferenciado com os alunos do 6º ao 9º ano da EMEFI Caieiras Velha e valorizando os saberes tradicionais dos povos indígenas da aldeia. A partir do TCC, Adriana desenvolveu um trabalho que foi comunicado na forma de um memorial, disponível no site da Ufes, e de dois livros - “A origem do Sol e da Lua: narrativa Tupinikim” e “Saberes Lunares Tupinikim na Aldeia Indígena de Caieiras Velha” -, que estão em fase de diagramação.



“Conhecer um pouco sobre a Astronomia indígena, destacando principalmente a Influência Lunar, é uma forma de compreender a organização do nosso povo indígena. A proposta de elaboração de um calendário irá valorizar os Saberes Lunares tradicionais, eles representam e fortalecem a nossa cultura Tupinikim”

Texto escrito por Adriana V. Barbosa em
24/04/2025.



Ailton Krenak



Texto adaptado de Personalidades Indígenas que você precisa conhecer. ✨

Líder indígena do povo Krenak, nasceu em 29 de setembro de 1953, em Itabirinha, Minas Gerais, e dedicou-se, desde os anos 1980, à defesa dos povos indígenas e do meio ambiente. Fundou o Núcleo de Cultura Indígena, em 1985, e participou da Assembleia Nacional Constituinte de 1988, onde protestou, pintando o rosto com jenipapo. Em 2000, protagonizou o documentário "Índios no Brasil", abordando a identidade indígena e os direitos conquistados. Em 2019, participou da série documental "Guerras do Brasil", contribuindo no primeiro episódio, que aborda a invasão e colonização do território brasileiro a partir da chegada dos portugueses às praias, em 1500, e a relação estabelecida com os povos indígenas que habitavam a região há milhares de anos. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2016. Em 2020, foi eleito intelectual do ano pela União Brasileira de Escritores, além de receber o prêmio Juca Pato. Lançou o livro "Ideias para adiar o fim do mundo", em 2021, tornando-se um dos mais vendidos no Brasil e sendo eleito o primeiro indígena da Academia Brasileira de Letras.

Amarildo Tupinikim

Conhecido como Mestre Amarildo do Cocar, ele é liderança e artesão do povo Tupinikim, morador da aldeias de Caieiras Velha, Aracruz/ES. Ele enviou esse vídeo, em abril de 2025, para mostrar um pouco da sua arte, que representa a sua cultura e tradição!



Clique para
assistir ao vídeo!



Ana Janete Martines Lopes

- Kunha Potyjú



Descendente do povo Guarani Nhandeva, nasceu em 2008 e reside com parte de sua família na aldeia indígena Guarani Olho D'Água, em Aracruz, Espírito Santo. É estudante da 2ª série do Ensino Médio da EEIEFM Aldeia Caieiras Velha (primeira escola estadual indígena do território) onde é Jovem Protagonista. Interessa-se e tem habilidade com artesanato indígena, culinária tradicional indígena, músicas em guarani, jogos tradicionais indígenas, grafites, criação de desenhos, audiovisual e fotografia. Ela se comunica na língua guarani nhandeva (sua língua materna), guarani mbya, castelhano e português, além de estar estudando o tupi antigo (junto aos povos Tupinikim do estado) e o inglês. Desde 2017, Potyjú tem se envolvido ativamente em projetos audiovisuais voltados para a valorização das culturas indígenas. Sua primeira participação ocorreu no 8º Festival de Cinema Ambiental do Espírito Santo, onde atuou na tradução, colaborou na edição de materiais audiovisuais e também foi entrevistada. Em 2022, integrou o projeto Cine Ema, realizado na EMEFI Arãndu Retxakã, em Aracruz (ES), atuando como produtora e intérprete. No mesmo ano, passou a compor a equipe do Projeto Ma'enduara, iniciativa voltada para o registro de memórias dos povos Guarani e Tupinikim nos

Territórios Indígenas de Aracruz. Nesse projeto, permanece até hoje contribuindo como artista — com trabalhos em fotografia e pintura — e como intérprete e tradutora da língua Guarani.

“Meu interesse pelo audiovisual nasce da paixão por contar histórias de maneira visualmente envolvente e impactante. Busco explorar a linguagem cinematográfica e as possibilidades criativas que o audiovisual oferece, almejando contribuir com produções que inspirem, emocionem e provoquem reflexões. Através do audiovisual, encontro uma forma única de expressar minha criatividade e compartilhar narrativas que ressoem com o público.”



Texto escrito a partir do portfólio disponibilizado por Ana Janete.



Ará Guarani



© [ara.martins1](#)

Descendente do povo Guarani. Mãe, artesã e filha da guerreira Sônia Guarani. Foi da mãe que ela herdou os saberes ancestrais do seu povo. Ará é coordenadora do projeto *NHÃDEVA EKUÉRY* que leva a cultura do povo indígena para escolas, falando da sua cultura, arte e história por meio dos cantos e danças. Atualmente ela mora na aldeia Boa Esperança, em Aracruz. Ela expressa a sabedoria ancestral, celebra a resistência cultural do povo Guarani e aborda temas como educação decolonial, direito à terra e ecologia. Ará fala também da importância dos instrumentos sagrados como o pau de chuva, o Mbaraka Mirim e o som dos pássaros.

Texto escrito por Ará Guarani.



Arissana Pataxó



premiopipa.com/pag/arissana-pataxo/

<https://arissanapataxo.blogspot.com/>

Texto retirado de Personalidades Indígenas que você precisa conhecer. ✨

Nascida em 1983, em Porto Seguro, é uma renomada artista plástica da etnia pataxó. Graduada em Artes Plásticas pela UFBA em 2009, Arissana tem dedicado sua carreira à arte-educação, realizando atividades de extensão com o povo Pataxó. Com mestrado em Estudos Étnicos e Africanos e, atualmente, doutoranda em Artes Visuais na mesma universidade, ela também lecionou em escolas indígenas e no curso de formação de professores em Coroa Vermelha, Bahia. Além de sua atuação como educadora, Arissana é reconhecida por sua expressão artística, participando de diversas exposições coletivas e individuais, como "Sob o Olhar Pataxó", em 2007, e "Mira! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas", entre 2013 e 2014. Em 2016, recebeu uma indicação ao Prêmio PIPA, uma das principais premiações de arte contemporânea do Brasil.



Célia Xakriabá



www.celioxakriaba.com/

[@celia.xakriaba](https://www.instagram.com/celia.xakriaba)

Ativista indígena e professora, nascida em 9 de maio de 1990, em Itacarambi, Minas Gerais, é uma voz em defesa dos direitos e da cultura do povo Xakriabá. Com mestrado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília e doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, ela advoga pela integração das culturas indígenas no sistema educacional, pela preservação das línguas ameaçadas e pela demarcação das terras indígenas. Em 2021, representou seu povo na 26ª Conferência da ONU sobre Mudança Climática, a COP26, onde destacou a luta contra o racismo sistêmico enfrentado pelos indígenas e a importância da preservação dos territórios. Célia possui um estúdio em sua aldeia, no Território Xakriabá, em São João das Missões, Minas Gerais, e co-apresenta o podcast "Papo de Parente" com o influenciador digital Tukumã Pataxó. Em 2022, tornou-se a primeira mulher indígena a ser eleita deputada federal por Minas Gerais.

Texto adaptado de [Personalidades Indígenas que você precisa conhecer.](#)



Daiara Tukano



daiaratukano.com

[@daiaratukano](https://www.instagram.com/daiaratukano)

Descendente do povo Tukano do Alto Rio Negro, Amazonas, nasceu em 1982. Embora viva em Brasília, parte de sua família reside na Aldeia Balaio, próxima a São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Além de ser correspondente da Rádio Yandê, a primeira rádio indígena do Brasil, ela é mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília, com foco na memória e verdade dos povos indígenas. Daiara também é reconhecida como ativista e artista. Em 2020, alcançou o feito de criar o maior mural de arte urbana do mundo, ocupando mais de 1.000 m² no Edifício Levy, no Centro de Belo Horizonte, Minas Gerais, sendo a primeira a pintar uma empena. A obra retrata uma mãe carregando seu filho.

Texto adaptado de Personalidades Indígenas que você precisa conhecer. ✨



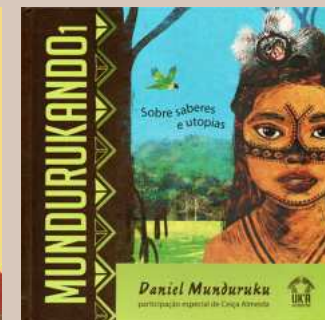
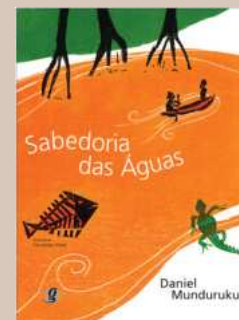
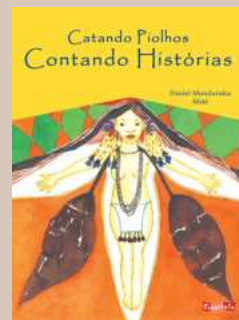
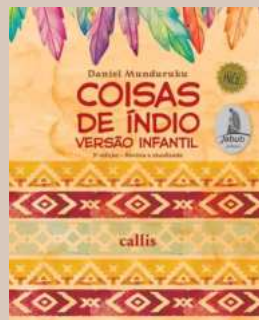
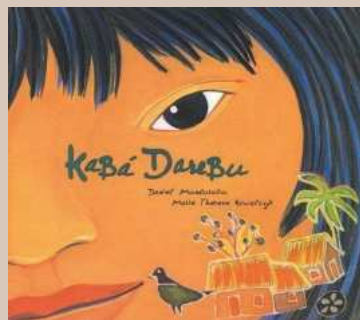
Daniel Munduruku



danielmunduruku.blogspot

[@danielmundurukuoficial](https://www.instagram.com/danielmundurukuoficial)

Membro do povo Munduruku, nasceu em 28 de fevereiro de 1964 e, atualmente, atua como diretor-presidente do Instituto Uk'a - Casa dos Saberes Ancestrais. Reconhecido como um dos principais autores indígenas contemporâneos, ele é doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Munduruku possui um extenso catálogo de obras, totalizando mais de 54 livros publicados no Brasil e no exterior, pelos quais já foi laureado com diversos prêmios nacionais e internacionais, incluindo o prestigiado Prêmio Jabuti. Sua produção literária é principalmente voltada para o público infantojuvenil e inclui livros paradidáticos que resgatam a tradição oral indígena, explorando fábulas, contos e mitos de criação.

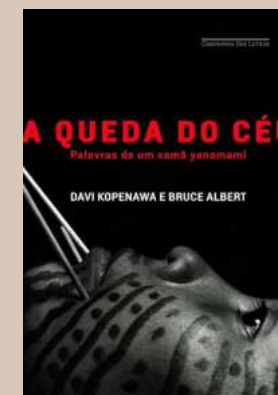


Davi Kopenawa



Texto adaptado de Personalidades Indígenas que você precisa conhecer. ✨

Líder político e xamã do povo Yanomami, desempenhou um papel fundamental na demarcação do território Yanomami em 1992. Sua atuação ativista em prol de seu povo e da preservação da Amazônia ganhou destaque, culminando na publicação do manifesto autobiográfico "A Queda do Céu" em 2010. Por suas contribuições, recebeu diversos prêmios, incluindo a Global 500 da ONU, em 1989, e em 2019, o prêmio Right Livelihood. Em 2020, foi eleito membro colaborador da Academia Brasileira de Ciências. Em 2022, foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Roraima.



Denilson Baniwa



premiopipa.com/denilson-baniwa/

behance.net/denilsonbaniwa

✉ denilsonbaniwa@gmail.com

Texto elaborado a partir do site [Enciclopédia ItaúCultural](#) e de [Personalidades Indígenas que você precisa conhecer](#).

Amazônida, da nação Baniwa, nasceu na aldeia Darí, Barcelos, Amazonas, em 1984. Artista visual e curador, compõe sua obra atravessando linguagens visuais da tradição ocidental com as de seu povo, utilizando performance, pintura, projeções a laser, imagens digitais. Ativista, aborda a questão dos direitos dos povos originários, o impacto do sistema colonial e a valorização da cultura indígena, propondo também reflexões sobre a condição atual do indígena. Trabalha na Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e atua como produtor de programas em diversas rádios. É um dos responsáveis pela coordenação da Rádio Yandê, a primeira rádio indígena do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, onde hoje vive o artista. *“Sem Currículo Lattes ou laços acadêmicos. Não me citem ou me liguem à formação universitária, nunca tive uma. Vivendo a Escola-Floresta e as Leis do Ser-Jaguar”*. Reconhecido por sua arte, ele recebeu prêmios como o Pipa Online e realizou uma exposição individual no Centro Cultural Hélio Oiticica.



Edith Maria da Conceição Pereira



Fotos: arquivo Alcilene



Foto: Homenagem recebida neste ano (2025) na festa da resistência 525 anos, que aconteceu na aldeia Caieiras Velha.

Mais conhecida como “dona Edith”, nasceu no dia 15 de Maio de 1942. É Tupinikim; moradora da aldeia Caieiras Velha. Em conversa com sua filha, Alcilene (Piquena), relatou que, antigamente, as coisas eram mais difíceis, por isso os pais a ensinaram a importância de saber pescar e fazer artesanato. É pescadora e artesã, fazia muitas esteiras para vender e comprar os “mantimentos”. Também faz parte da banda de congo. Atualmente está com a saúde debilitada, mas sempre esteve envolvida com a cultura, dançando e cantando com sua irmã, dona Helena Coutinho. Participou de muitas lutas, principalmente nas lutas de demarcação de terra. Hoje, guarda na lembrança os antepassados, as conquistas e afirma que a cultura está no seu sangue.

“Não abro mão da minha cultura, não participo mais com tanta frequência, mas é de grande importância que as mais novas participem, não podemos deixar a cultura acabar. Nossa cultura é linda, nossa terra é linda. Temos que manter nossa cultura, pensar no futuro dos nossos filhos e netos, porque quem tinha força pra lutar já lutou e não tem força mais.”

Texto escrito por Adriana V. Barbosa a partir de uma conversa entre a mãe (Edith) e sua filha Alcilene da Conceição Pereira (Piquena), que é integrante do grupo de mulheres guerreiras.

Eunício Barbosa da Conceição

- Seu Nício



É do povo Tupinikim, nascido na aldeia Caieiras Velha, no dia 15 de novembro de 1955. Durante uma fase de sua vida, ainda na adolescência, devido às dificuldades na aldeia, foi levado por seu pai, junto com seus irmãos, para morar um tempo na cidade, Rio de Janeiro. Mas conseguiu retornar, depois de 20 anos, e criar seus dois filhos por meio da extração de mariscos do manguezal, da caça e do peixe.

Relembra com muito orgulho que depois de seus filhos já terem crescido e constituído família, já com 50 anos, retornou os estudos, a partir da 5ª série até o ensino médio. Ainda fez cursos de informática, tratorista, tubulação industrial naval e agricultura, estando com mais de 60 anos e já aposentado. Não exerceu essas profissões, mas se sente feliz por ter tido a oportunidade de voltar a estudar, o que na sua adolescência não foi possível. Seu sonho era fazer faculdade de matemática.

Desde criança, aprendeu a fazer artesanato, observando os idosos da aldeia realizarem o trabalho. Sabe fazer samburá, arco e flecha, machadinho, maracá, vassoura de cipó, esteira, bodoque, tambor, gancho, remo, casaca, carretel de madeira para linha de pesca, cestos para colocar frutos e outros. Também gosta de preparar roças e plantar as espécies: mandioca, milho, feijão, batata doce, banana e outras frutíferas.

Uma de suas paixões é a pesca nos rios do território onde vive: Rio Piraquê-Açú e Soé. Com sua experiência, basta apenas olhar para a Lua que já identifica os diferentes tipos de marés. Todas as vezes que a maré estava boa, ele gostava de pescar. Hoje não pode mais pescar no “braço do mar”, como ele chama o rio Piraquê-Açú e Piraquê-Mirí.

Criou os filhos com os alimentos da roça, do manguezal, dos rios e caças da mata. Por isso, além dos conhecimentos lunares sobre os tipos de marés, também aprendeu a entrar e sair da mata. Afirma que a mata tem seus mistérios e, por isso, ele é guiado também pelo Sol. Quando caçava, fazia armadilhas (mundel e arataca) e utilizava bastante o bodoque: *“por isso eu gosto muito dos jogos indígenas que acontece na minha aldeia, relembro meus tempos, faço logo minhas pelotas e já vou me preparando para participar, isso é nossa cultura”*.

As fases da Lua o ensinam a plantar, a coletar a matéria prima nas matas, construir as casas de estuque e cabanas e preparar os “feixos de palha”.



Atualmente continua fazendo os artesanatos e afirma que:

“Toda essa sabedoria faz parte da cultura do nosso povo Tupinikim. É muito importante os ensinamentos dos mais velhos e dos professores nas escolas. As crianças, adolescentes e jovens precisam aprender e colocar em prática, por exemplo, o bodoque; eu aprendi praticando, ganhei no bodoque e me sinto um campeão. A nossa cultura não pode acabar”.

Texto escrito por Adriana V. Barbosa.
Entrevista concedida em 11/04/2025.



Jacir de Souza Macuxi



Texto adaptado de Personalidades Indígenas que você precisa conhecer.



Membro do povo Macuxi, nasceu em 7 de setembro de 1947 na comunidade indígena do Lilás, localizada na Reserva Raposa Serra do Sol. Reconhecido como um dos principais defensores da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, cuja homologação ocorreu em 2005. Jacir assumiu o cargo de *tuxaua* (é quem representa a aldeia, semelhante ao papel do cacique) de sua aldeia aos 26 anos. Naquele período crítico, caracterizado pela invasão de garimpeiros que trouxe consigo problemas como alcoolismo, violência e doenças, Jacir mobilizou os tuxauas locais para combater essas adversidades, culminando na criação do Conselho Indígena de Roraima (CIR). Em 2020, enfrentou os desafios da pandemia de Covid-19, sendo um dos infectados, mas felizmente se recuperou após tratamento em Boa Vista.

Joênia Wapichana



Membro do povo Wapichana, nasceu em 20 de abril de 1974 e é reconhecida como a primeira mulher indígena a se tornar advogada no Brasil. Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Roraima em 1997 e obteve mestrado na Universidade do Arizona, nos Estados Unidos, destacando-se como a primeira mulher indígena advogada no país. Sua atuação foi marcada pela defesa dos direitos territoriais dos povos indígenas, incluindo a demarcação da reserva indígena Raposa do Sol em Roraima. Também trabalhou no departamento jurídico do Conselho Indígena de Roraima (CIR) e foi a primeira presidente da Comissão de Direitos dos Povos Indígenas da OAB. Em 2018, foi eleita deputada federal por Roraima, pela Rede Sustentabilidade, tornando-se a primeira mulher indígena a ocupar um assento no Congresso Nacional. Joênia tem sido uma voz combativa contra o avanço do garimpo ilegal na Amazônia, sendo reconhecida com o Prêmio de Direitos Humanos da ONU em 2018. Atualmente, exerce a presidência da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), tornando-se a primeira mulher indígena a liderar a entidade.

Texto adaptado de Personalidades Indígenas que você precisa conhecer. 

Kaká Werá Jecupé



Se apresenta como *txukarramãe*, pelo fato de ser um guerreiro sem armas. Seus pais migraram, nos anos 1960, do norte de Minas Gerais para São Paulo, na capital, indo morar próximos à última aldeia guarani na região sul da cidade, onde nasceu, em 1964. Foi nomeado Werá Jecupé, pelo pajé e cacique Alcebíades Werá no período em que morou entre os guarani, nos anos de 1980, em um rito de batismo chamado "Nhemongarai" na aldeia Tenondé Porã, antigamente também chamada de Morro da Saudade. É escritor, educador, terapeuta, empreendedor social e conferencista. Precursor da literatura indígena no Brasil, autor de 16 livros, entre os quais os premiados: A Terra dos Mil Povos e Menino-Trovão. Fundou, há 30 anos, o Instituto Arapoty que desenvolveu projetos no Brasil e na França com o foco na valorização dos saberes tradicionais dos povos originários. Realizou conferências em 15 países. Atualmente, além de sua dedicação à literatura, foca suas atividades em seminários e vivências para desenvolvimento de pessoas, consultorias e mentorias.



Texto adaptado de Encontros com Kaká Werá.



Katú Mirim



© [katumirim](#)

Indígena do povo Boe Bororo. Rapper, compositora, atriz e ativista, aborda em seu trabalho a história da colonização, dando destaque à perspectiva indígena. Através do rap, ela compartilha experiências, fortalece identidades e desafia estereótipos de gênero e sexualidade. Mulher lésbica, Katú entrou no mundo do rap em 2017, com o single Aguyjevete, que trata da resistência dos povos nativos, tema recorrente em sua obra. No mesmo ano, ela ganhou destaque com a hashtag "Índio Não é Fantasia", provocando discussões sobre a apropriação folclórica e descontextualizada dos costumes indígenas. Em 2017, fundou o "VI Visibilidade Indígena", dedicado à luta pelos direitos e à representatividade dos povos indígenas. Também em 2019, fundou o primeiro coletivo LGBTQIA+ Indígena do Brasil, fortalecendo a articulação política e a representatividade de indígenas LGBTQIA+.



Texto adaptado de [Personalidades Indígenas que você precisa conhecer.](#)



Marcelo Oliveira da Silva

- Wera Djekupe



@_marcelo_guaranidjekupe

Cacique da aldeia Guarani Ka'agwy Porã (Nova Esperança), presidente da Associação Indígena Guarani Mboapy Pindó, educador indígena e guardião da cultura Guarani. A identidade cultural Guarani está enraizada no modo de vida, que envolve crenças, tradições e também um lugar em que possam habitar junto à floresta, com condições apropriadas para viver segundo o *nhadereko*, o modo de vida Guarani. Como cacique, presidente da associação e guardião da cultura Guarani, a trajetória de Marcelo Djekupe envolve uma longa dedicação em defesa da cultura indígena, dentro e fora das aldeias. Realizou atividades de pesquisa e divulgação da cultura Guarani, como tal, foi bolsista da Faperj (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), possui capacitação como Educador Guarani e exerceu diversas atividades culturais.



Wera Djekupe tem estado à frente de projetos culturais e socioambientais, como, por exemplo:

- Projeto Tebi'u Eté - O projeto envolveu pesquisa, registro e publicação de um livreto com as receitas tradicionais Guarani;
- Projeto Florestação - Projeto socioambiental para implantação de cultivos de subsistência e restauração de nascentes na aldeia Ka'agwy Porã. Foi realizado com apoio do GATI (Gestão Ambiental e Territorial Indígena) e contemplado com o Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais;
- Projeto Reikawaapa - Através do projeto, aprovado no edital Aldir Blanc - SECULT-ES, foi criado o núcleo de produção audiovisual guarani Kaagwi Porã, depois identificado pelos próprios indígenas como Núcleo indígena Reikwaapa (▶reikwaapa7665 📷 @reikwaap).

Texto escrito a partir do portfólio disponibilizado por Marcelo Guarani.



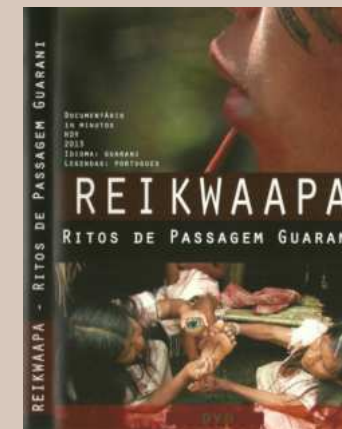
Publicação disponível online:
https://issuu.com/raquellucenapaiva/docs/li_vro_recetas_tebiu_ete_148_5x210m

Reflorestamento na aldeia Guarani Nova Esperança (Aracruz/ES), após a retomada deles à parte do território

2015



2023

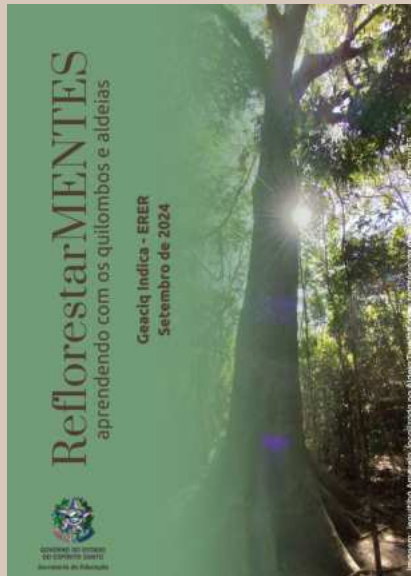


Disponível online:
<https://vimeo.com/88544620>

Você sabia...

que a Geaciq publicou, em 2024, duas edições do informativo "Geaciq Indica", periódico que busca promover a disseminação de materiais complementares a fim de apoiar as atividades de Educação das Relações étnico-raciais (ERER) nas escolas Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo, trazendo o reflorestamento promovido por Marcelo Guarani e uma das produções audiovisuais do Núcleo Reikwaapa?

Esses periódicos podem ser acessados pelo site da Sedu (<https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/>).



Clique nas imagens
e acesse direto o
periódico.



Marineia Pereira de Souza

– Dona Preta



É uma grande sábia Tupinikim, moradora da aldeia Caieiras Velha, localizada no município de Aracruz (ES). Uma mãe Tupinikim apaixonada pelos seus 16 filhos (sendo 5 do coração), netos e bisnetos: “eles são minhas riquezas; meus ouro, minha prata”.

Nascida no dia 21 de fevereiro de 1951; filha de Zulmira Ana da Conceição e Manoel Pinto, herdou dos pais (*in memória*) os conhecimentos que hoje transmite para sua família e os membros da comunidade.

Sua mãe a ensinou bordar, fazer tapetes e costurar. Com seu pai aprendeu a plantar e pescar a partir da observação da Lua.

Gosta muito de pescar no rio Piraquê-Açú com amigos e familiares, inclusive quando pesca com as amigas, ela que é a remadora. Atualmente, devido à poluição dos rios, ela pesca no rio Soé.

Quando está em casa, gosta muito de cuidar dos animais (cachorro, galinha, etc), cuidar do quintal e plantar (espécies frutíferas e medicinais). Também gosta muito de flores.

Dona Preta faz parte da banda de congo “São Benedito” da aldeia e se apresenta em diferentes momentos culturais. Ama o som do tambor e da casaca. Gosta de dançar e cantar músicas de congo, estar com suas companheiras: “Sinto saudades delas (as companheiras)”. As lágrimas caem.

Além de cantar, também cria cantigas de congos: Em alguns momentos as letras surgem em sua memória e ela canta: “Assim vivo a cultura do meu povo indígena, mato a saudade de minhas companheiras e me sinto feliz, a minha aldeia é um paraíso”.

Texto escrito por Adriana V. Barbosa.
Entrevista concedida em 11/04/2025.



Myrian Krexu



Membro do povo Guaraní Mbyá, é reconhecida como a primeira cirurgia cardiovascular indígena do Brasil. Nascida em Xanxerê, Santa Catarina, Myrian cresceu na comunidade Terra Indígena Rio das Cobras, pertencente à sua etnia. Após concluir seus estudos na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), onde se formou em medicina em 2013, ela realizou sua especialização no Instituto de Neurologia e Cardiologia em Curitiba, tornando-se pioneira, entre os indígenas do país, na área de cirurgia cardiovascular.

Texto adaptado de Personalidades Indígenas que você precisa conhecer. ✨



Disponível online:
<https://www.youtube.com/watch?v=53PcEQqnGNg>



Patrícia Tahua



Mãe, matriarca, organizadora e produtora do coral Tape Retxakã. Patrícia Takua veio de uma caminhada forte e segue os princípios ancestrais Guarani Mbya Kwery. Sua caminhada espiritual nasce com a chegada da primeira filha, Emília. Patrícia se casou forçadamente com 12 anos de idade, após a sua primeira menstruação, como era de costume de algumas famílias. Viveu uma vida difícil de agressão e dor. Conseguiu fugir para outra aldeia, porém novamente se viu obrigada a se unir com outra pessoa e teve, então, mais três filhos. No caminho da reza, Patrícia sempre buscou pela luz de dias melhores apesar de todas as dificuldades enfrentadas. Jovem, com quatro filhos, acaba conhecendo seu atual companheiro Edmilson e resolvem se unir e caminhar juntos para uma outra aldeia Guarani. Se estabilizaram na aldeia de Taruma, em Santa Catarina, onde tiveram juntos três filhos. Porém Patrícia perde um filho de forma trágica o que entristece muito a família e o local onde viviam. Patrícia fica sabendo da aldeia Nova Esperança, das ações de reflorestamento no território e ela e o companheiro decidem conhecer a aldeia. Desde então, vivem na aldeia Ka'agwy Pora (Nova Esperança) e começaram os ensaios que nada mais é que o resultado da reza de agradecimento e conexão com o divino nos fins de todas as tardes.

Estão fixados desde o ano de 2020 como moradores da aldeia, conseguiram, com o apoio da comunidade - grupo de jovens e mulheres da aldeia - erguer a casa de reza, espaço de encontro para rituais sagrados e manifestações da cultura milenar Guarani. Hoje, Patrícia Takua é parteira, guardiã dos saberes tradicionais guarani, guardiã das sementes sagradas guarani, conhecedora das medicinas e curas da floresta, matriarca e dirigente do coral Tape Retxakã. Todos os dias praticam a reza e suas curas milenares.

Texto escrito a partir do portfólio disponibilizado por Fernanda Moraes Keretxu.



Raoni Metuktire



Líder indígena do povo Kayapó, nasceu por volta de 1932 na aldeia Krajmopyjakare, no nordeste do Mato Grosso, tendo seu primeiro contato com os não indígenas em 1954. Participou de expedições e encontros com líderes mundiais, como Juscelino Kubitschek e Leopoldo II, da Bélgica, sendo tema de um documentário aclamado, narrado por Marlon Brando. Nos anos 1980, uniu forças com o cantor Sting em campanhas globais pela preservação ambiental. Foi protagonista na Constituinte de 1988. Sua atuação foi crucial na Assembleia Constituinte, resultando na demarcação de terras indígenas e na criação do Parque Nacional do Xingu. Em 2020, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz e, em 2021, tornou-se Membro Honorário da União Internacional para a Conservação da Natureza. Em 2023, participou da cerimônia de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Texto adaptado de Personalidades Indígenas que você precisa conhecer. ✨

Renata Ferreira Bento



© costuraetracos_rehbento

Artista Indígena do Povo Tupinikim, da aldeia Caieiras Velha, nascida no dia 18 de maio de 1993, artesã e estilista ancestral, tem seu trabalho voltado à construção de peças que, de alguma forma, conectam ancestralidade e futuro. Renata Tupinikim trabalha com produção cultural e gestão de projetos indígenas. Participa de Feiras de Artes e desfiles de moda ancestral, dentro e fora da aldeia. Aprendeu com seus pais o que sabe sobre sua cultura e passa todos os ensinamentos para suas duas filhas.

Texto escrito por Renata Ferreira Bento
em 08/04/2025.



Sônia Guajajara



Texto adaptado de [Personalidades Indígenas que você precisa conhecer.](#) ✨

Líder indígena do povo Guajajara/Tentehar, nasceu em 6 de março de 1974 e é filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Originária da Terra Indígena Arariboia, no Maranhão, destacou-se como uma das principais lideranças femininas indígenas. Após estudar Letras, Enfermagem e Educação Especial na Universidade Estadual do Maranhão, sua militância em prol da demarcação de terras a levou a coordenar a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). Em 2018, foi lançada como vice-presidente na chapa liderada por Guilherme Boulos, tornando-se a primeira candidata indígena à presidência do Brasil. Em 2022, foi listada pela revista Time como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo na categoria Pioneiros. No mesmo ano, participou da equipe de transição do terceiro governo Lula e, em 2023, tornou-se a primeira ministra dos Povos Indígenas.



HQ de Helô D'Angelo
Disponível no instagram @helodangeloarte



Txai Suruí



© [txaisurui](#)

Guerreira indígena do povo Paiter Suruí, nascida em 1997, é filha da grande ativista Neidinha Suruí e Almir Suruí, uma das lideranças indígenas mais reconhecidas por lutar contra o desmatamento na Amazônia. Carrega a força e a voz de muitas mulheres que lutam pela preservação do meio ambiente. Liderança de sua etnia, Txai é primeira do povo Suruí a estudar Direito na Universidade Federal de Rondônia (Unir) e foi a única brasileira e indígena a discursar na COP 26, a Conferência da ONU sobre mudanças Climáticas, realizada em 2021 em Glasgow, na Escócia. É fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia, onde desempenha um importante papel na denúncia do avanço da agropecuária na terra indígena Uru-Eu-Wau-Wau. Seu trabalho em defesa dos direitos indígenas e da preservação do meio ambiente tem sido reconhecido nacional e internacionalmente. É coordenadora da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé, uma organização criada por sua mãe, Neidinha Suruí, que desenvolve diversas atividades de estudos e pesquisas e planos de gestão, fiscalização e fortalecimento em terras indígenas.

Txai atua como conselheira da WWF Brasil e no Pacto Global da Organização das Nações Unidas, é voluntária da ONG Engajamundo e colunista da Folha de São Paulo.

Texto adaptado a partir de informações contidas no perfil oficial no Instagram da Txai Suruí.



Assista ao discurso de abertura da COP26 por Txai Suruí. ✨



Vanginei Leite Silva



© [ceramicaindigenaxakriaba](#)

[Catálogo Nei Leite Xakriabá](#)

Conhecido como Nei Leite Xakriabá, nasceu em 1981, na Terra Indígena Xakriabá, no município de Itacarambi (MG). Filho da ceramista dona Dalzira, sua primeira mestra, com quem aprendeu a modelar as primeiras formas de argila. Possui graduação em Educação Intercultural para Educadores Indígenas com habilitação em Línguas, Artes e Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011) e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG (2022). Além de pesquisador e artista ceramista Xakriabá, é também professor de arte e cultura Xakriabá na Escola Estadual Indígena Xukurank, desde 2002, na Aldeia Barreiro Preto, MG. Realiza oficinas de retomada e fortalecimento do fazer cerâmico Xakriabá junto às comunidades das aldeias.

Texto elaborado a partir do currículo lattes e da dissertação de mestrado de Nei Xakriabá. ✨



Wellington Îybatâtupã de Lima Ferreira



© wellington_tupinikim

Tem como nome de batismo, na língua do seu povo Tupinikin, Îybatâtupã Tupinakyîa, já na língua do povo Guarani, pelo qual também é batizado, se chama Awa'i Karaí. É pertencente ao povo Tupinikim e morador da aldeia Pau Brasil, que pertence ao município de Aracruz. É graduado pela primeira turma da Licenciatura Intercultural Indígena (Prolind-Ufes) e educador da língua materna de seu povo, trabalhando em duas escolas de aldeias diferentes (aldeia Pau Brasil e Irajá), ambas ficam no território Tupinikim. Além disso, é militante das causas indígenas e participa de movimentos referentes às reivindicações dos povos indígenas. É pai de uma menina chamada Kalinhy'ã e casado com a guerreira Jessica, que pertence ao povo indígena Terena.



Em 2024, viajou com sua família para Minnesota, Estados Unidos da América, onde foram recebidos, em Terra Indígena, pelo povo Dakota. Durante essa experiência, puderam conhecer e entender um pouco da história desse povo tão tradicional do EUA. Além disso, teve o privilégio de estar na Universidade Indígena do povo Ojibwe, dentro da aldeia do território Red Lake.



A diversidade de povos e fenótipos!

[Voltar ao Índice](#)



É urgente interromper a propagação da imagem estereotipada de um “indígena padrão” — aquele que é sempre retratado como alguém de pele parda, cabelo liso, vivendo em ocas, com arco e flecha nas mãos, nu ou com roupas de palha, pintado para algum tipo de ritual. Essa representação reducionista não apenas distorce a realidade, como também apaga a pluralidade dos povos indígenas existentes no Brasil e na América Latina.

Ser indígena não é uma questão de aparência. Como bem pontua o indígena pesquisador Gersem Baniwa, trata-se de dimensões profundas de **autoidentificação, autoestima, autorrepresentação e autoprojeção** (Luciano, 2006). E como reforça a liderança indígena Joênia Wapichana, a autodeterminação é um direito fundamental: **quem define quem é indígena ou não é o próprio grupo, a própria comunidade indígena** (Wapichana, 2023).

Ainda assim, seguimos presos a uma imagem congelada no tempo e criada por olhares externos, que alimentam a falsa ideia de que há um único jeito de "ser indígena". Essa visão única é especialmente cultivada no ambiente escolar, muitas vezes reproduzida por materiais didáticos que ignoram as múltiplas realidades, línguas, modos de vida e práticas culturais dos mais de 300 povos indígenas existentes no Brasil.

Falar sobre indígenas é falar sobre diversidade — de corpos, territórios, cosmologias, histórias e formas de existência. Precisamos romper com a lógica da homogeneização e permitir que, desde cedo, as crianças e jovens aprendam sobre os povos indígenas a partir de uma perspectiva de respeito, escuta e reconhecimento. Educar para a diversidade indígena é educar para a justiça, para a empatia e para a reconstrução de uma sociedade verdadeiramente plural e equitativa.



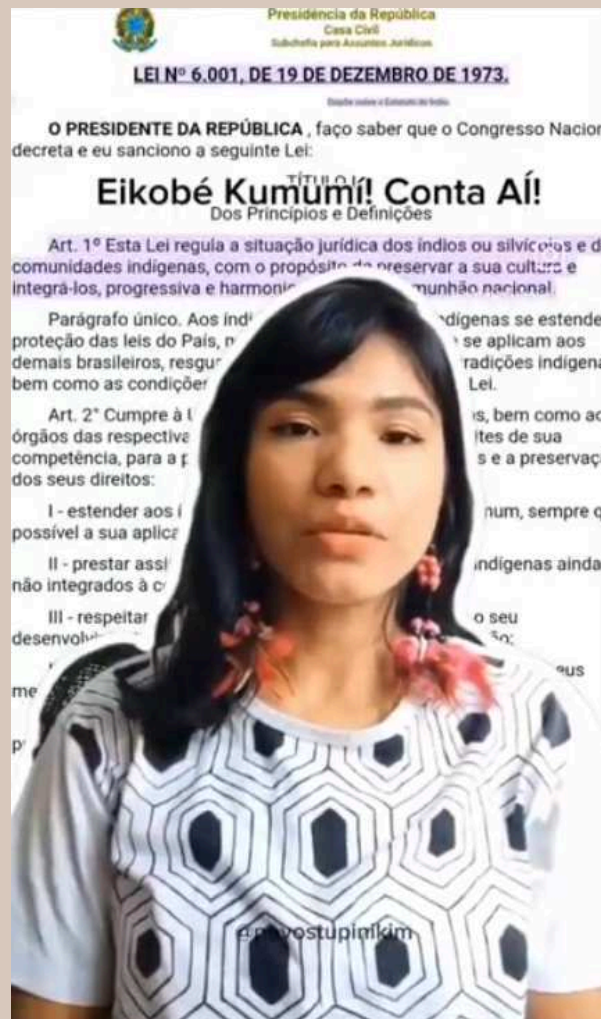
Potiara Monteiro
Pertencente ao povo Tupinikim, cirurgiã
dentista de Caieiras Velha



Imagens retiradas da reportagem Somos Capixabas: povos indígenas, transmitida pela TV Gazeta (ES) no dia 19 de abril de 2025 e disponível no globoplay.



Bábara Tupinikim
Pertencente ao povo Tupinikim, da aldeia Pau
Brasil, liderança e engenheira florestal



© povostupinikim

←
Clique nas imagens para
assistir aos vídeos publicados
no instagram do Povo
Tupinikim.
..... →



© povostupinikim



A presença de Povos Indígenas no nosso estado!

[Voltar ao Índice](#)



O Espírito Santo é um estado marcado pela presença de, predominantemente, dois povos indígenas que vivem em Territórios Indígenas (TIs) oficialmente reconhecidos: os Tupinikim e os Guarani Mbyá (se autodenominam de Tambeopé ou Nhandewá Tambeopé). Esses grupos têm histórias e trajetórias bem diferentes, mas compartilham a luta pela preservação de seus territórios, culturas e modos de vida.

Os Tupinikim estão entre os grupos indígenas mais antigos do Espírito Santo. São descendentes diretos dos povos do tronco Tupi-Guarani, como os Tupinambá, Temiminó e os próprios Tupinikim. Durante a colonização, muitos desses povos foram dizimados ou expulsos, e suas terras foram tomadas ilegalmente e incorporadas pelo Estado. Foi só em 1973 que a Funai reconheceu oficialmente os Tupinikim como remanescentes indígenas, reforçando seu direito às terras que historicamente ocupavam.

Já os Guarani Mbyá chegaram ao Espírito Santo mais recentemente, quando um grupo familiar se deslocou do Rio Grande do Sul por volta da década de 1940, orientado pela Kunhã Karai (xamã) Tatatxĩ Ywa Rete, e chegou no Espírito Santo na década de 1960. Eles faziam parte de um movimento tradicional conhecido como *oguata porã* — uma caminhada em busca da Terra sem Mal (*Yvy Marãey*), um lugar sagrado onde acreditam existir fartura, harmonia e paz. Essa busca os levou até a região de Caieiras Velha, em Aracruz, onde se estabeleceram ao lado dos Tupinikim, formando o que chamam de *tekoá* (lugar onde se vive bem, em equilíbrio com a natureza).

Na mesma época da chegada dos Guarani, a empresa Aracruz Celulose se instalou na região, iniciando uma disputa intensa pela posse das terras indígenas. Tupinikim e Guarani se uniram em uma longa luta contra a empresa. Em 1998, foi assinado um Termo de Ajustamento de Conduta e a homologação das Terras Indígenas, a partir do qual aldeias como Caieiras Velha, Pau Brasil, Comboios, Irajá, Três Palmeiras, Piraquê-açu e Boa Esperança passaram a ser, oficialmente, reconhecidas como território indígena.

Hoje, existem 13 aldeias indígenas distribuídas em Aracruz: seis do povo Tupinikim (Caieiras Velha, Pau Brasil, Irajá, Comboios, Areal e Córrego do Ouro), seis do povo Guarani (Boa Esperança, Três Palmeiras, Piraquê-açu, Nova Esperança, Olho D'Água e Boa Vista), além de uma aldeia mista, chamada Amarelos. Nessas comunidades, há uma estrutura educacional com sete escolas indígenas: um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), uma escola estadual (com Ensino Médio e EJA) e cinco escolas municipais (Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais).

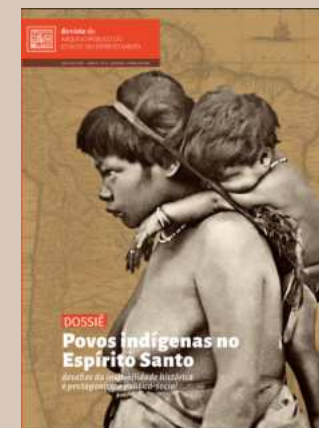
Os povos indígenas Tupinikim e Guarani são parte essencial da formação da sociedade brasileira. Suas culturas, línguas, saberes e modos de vida não apenas resistiram aos impactos da colonização e das transformações do tempo, mas continuam vivos, pulsando no presente e contribuindo para a diversidade que compõe a identidade do nosso estado.

Reconhecer essa presença não é apenas um ato de justiça histórica, mas um passo necessário para construirmos uma sociedade mais consciente e respeitosa. Conhecer suas histórias, valorizar seus costumes e respeitar seus territórios e memórias é fundamental para superarmos estigmas e estereótipos ainda presentes. Ao compreendermos que os povos indígenas não estão apenas no passado, mas seguem sendo protagonistas no presente, abrimos espaço para um futuro em que a diversidade é celebrada como riqueza.

Para aqueles que desejam conhecer mais sobre a história e a presença dos povos indígenas no Espírito Santo, disponibilizamos alguns materiais como sugestão de leitura. Esses recursos oferecem uma visão mais profunda sobre a riqueza cultural, as lutas e os desafios que esses povos enfrentam e continuam enfrentando. Esperamos que essas leituras possam contribuir para um maior entendimento e valorização das culturas indígenas no nosso estado e no Brasil como um todo.

TCC's da Licenciatura
Intercultural Indígena
(Prolind/Ufes) ✨

Dissertações e Teses dos
indígenas pesquisadores
do ES ✨



Ebook disponível! ✨

Somos Capixabas

No dia 19 de abril de 2025, a TV Gazeta do Espírito Santo exibiu, em homenagem ao Dia dos Povos Originários, o documentário “Somos Capixabas: povos indígenas”. O vídeo foi construído a partir do protagonismo dos indígenas de Aracruz, mostrando suas diversidades fenotípicas, de profissão, de vida e de histórias, desconstruindo estereótipos e fortalecendo suas culturas e memórias. O material está [disponível no globoplay](#).



Coral Tape Retxakã

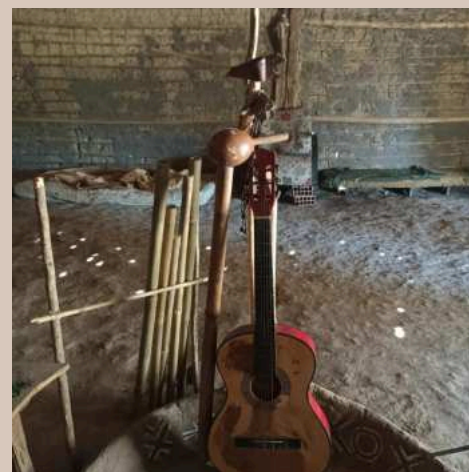


© @_tape_retxaka

O grupo do coral Tape Retxakã é liderado pelo casal Edimilson Karai e Patricia Takiua, e os demais membros são seus filhos e vizinhos. Na rotina dos guarani, inclui entrar na casa de reza ao fim da tarde para falar com Nhaderu, o Pai Criador. Nesse momento, são utilizados vários instrumentos musicais ancestrais, como o tambor, o takuapú (que é um instrumento exclusivamente feminino) e o canto. Existem ritmos e cantos milenares que são reforçados diariamente nos momentos da reza. A partir dessa prática diária, nascem os corais de cada núcleo de família, e foi assim também que nasceu o coral Tape Retxakã, com a união de Patrícia Takua e Edmilson Karai e seus filhos e genros, compondo hoje um grupo de 15 integrantes fixos.

Na busca para vencer as tristezas da vida e se fortalecer, o coral foi designado com o nome de Tape Retxakã, que significa caminho de luz, caminhada iluminada. A família hoje se organiza em volta das atividades do coral. Desde 2022, o coral se apresenta em eventos de valorização da cultura indígena. Patrícia Takua compõe os cantos junto a seu parceiro Karai e seus filhos. Já são mais de 11 cantos de autoria da família. O coral realiza, todos os dias, atividades na casa cerimonial da aldeia e, eventualmente, apresentações externas em escolas, eventos culturais e palestras.

Texto escrito a partir do portfólio disponibilizado por Patrícia Takua.



Aldeia Temática Tekoá Mirím



📷 [@aldeiatematikaturismo](https://www.instagram.com/aldeiatematikaturismo)

☎ (27) 99651-2514

Às margens do rio Piraquê-Açu, que, em Guaraní, significa peixe grande, nasceu a Aldeia Temática Tekoá Mirim. Localizada no município de Aracruz e coordenada pelo cacique Karaí, da Aldeia Piraquê-Açu, Tekoá Mirim foi construída, originalmente, para ser cenário do filme internacional “Como a noite nasceu”, a partir daí surgiu a ideia de torná-la uma aldeia temática, voltada para o etnoturismo. A visita à aldeia temática possibilita aos visitantes conhecer a cultura e a história do povo Guaraní, como viviam em tempos remotos e como sobrevivem hoje, em meio a tanto desmatamento. Durante o passeio, os visitantes têm a oportunidade de participar de uma roda de conversa, momento em que os Guaraní contam as histórias do seu povo, cantam e dançam. Faz parte do roteiro de visita, também, a caminhada por trilhas no meio da mata, guiada pelos indígenas Guaraní, possibilitando o contato direto com a natureza ainda preservada, conhecendo árvores centenárias como o Jequitibá amarelo, de quase duzentos anos, e o Jatobá. Além disso, é possível saborear a culinária tradicional do povo Guaraní e adquirir seus produtos, como objetos decorativos, utilitários, acessórios ou instrumentos musicais.

Festa da Resistência dos Povos Indígenas

Aldeia Caieiras Velha, 2024



Aldeia Pau Brasil, 2025



Aldeia Irajá, 2025



Anualmente, no mês de Abril, acontece a festa da Resistência dos Povos Indígenas, nas aldeias de Aracruz. O evento é um ato de resistência e celebração a Cultura e a luta dos Tupinikim e Guarani no Espírito Santo. Comumente o evento tem durabilidade de três dias e conta com atividades de apresentações culturais por meio de danças, cantos e jogos tradicionais, exposição de fotografias que despertam as memórias das vivências, das lutas e conquistas destes povos, além das feiras e vendas dos artesanatos que colabora com a economia das famílias indígenas. A festa ainda conta com apresentações escolares, oficinas de artesanatos e pintura corporal. Além disso, o evento também é um espaço em que Caciques e lideranças manifestam os desafios, as lutas e as ameaças legislativas quanto aos direitos territoriais dos povos Originários.

📍 [@povostupinikim](#)

📍 [@aitg.indigena](#)

📍 [@tabapaubrasil](#)

Projeto Esportivo Taba Oiepengatu



É um projeto cultural-esportivo indígena que nasceu do desejo de fortalecer as práticas tradicionais dos povos Tupinikim e Guaraní através do esporte, da arte e da coletividade. Seu nome, que significa “Aldeia Unida” em tupi, traduz a essência do movimento: unir comunidades em torno de saberes ancestrais que resistem ao tempo. Com atuação contínua em aldeias do litoral do Espírito Santo, o Taba mobiliza jovens, lideranças indígenas, treinadores tradicionais e apoiadores territoriais para criar vivências esportivas e culturais em três núcleos comunitários. O maior desafio do projeto é garantir continuidade e valorização dessas práticas em meio à crescente influência de esportes ocidentais, da urbanização e da perda de referências culturais nas novas gerações. Isso exige estratégias de mobilização comunitária, formação de lideranças indígenas, produção de materiais educativos e estrutura para realizar oficinas, treinamentos e vivências nos territórios. O Taba Oiepengatu também atua com uma proposta pensada para eventos culturais, educacionais e institucionais que desejam valorizar a presença indígena de forma viva, respeitosa e experiencial. Por meio de vivências guiadas apresentamos ao público atividades tradicionais que unem corpo, memória e território.

Texto retirado de: [Sobre o Taba Oiepengatu](#)



Esse vídeo conta um pouco da trajetória do Taba Oiepengatu. Quer saber mais? Os acompanhe nas redes sociais:

📸 [@taba_oiepengatu](#)

▶ [TabaOiepengatu](#)

📸 [@jogosindigenas_tradicionais](#)

🔗 [Sobre o Taba Oiepengatu](#)

Centro Cultural Tupinikim Ka'arondarapé



📍 @kaarondarape

📺 CENTRO CULTURAL TUPINIKIM (KA'ARONDARAPÉ).

✉ ka'arondara12@gmail.com

📍 <https://maps.app.goo.gl/6T2fBdRfWjuewScQ9>

Localizado em uma pequena e preservada área de Mata Atlântica, na Comunidade Indígena Tupinikim de Caieiras Velha (Aracruz – ES), o Centro Cultural Tupinikim Ka'arondarapé é um espaço dedicado ao fortalecimento da identidade cultural dos povos Tupinikim e Guarani.

Criado com o propósito de valorizar, proteger e difundir os patrimônios material, imaterial e natural da região, o Centro promove oficinas, vivências, eventos culturais e atividades que aproximam gerações, conectando os saberes dos mais velhos com o aprendizado dos mais jovens.

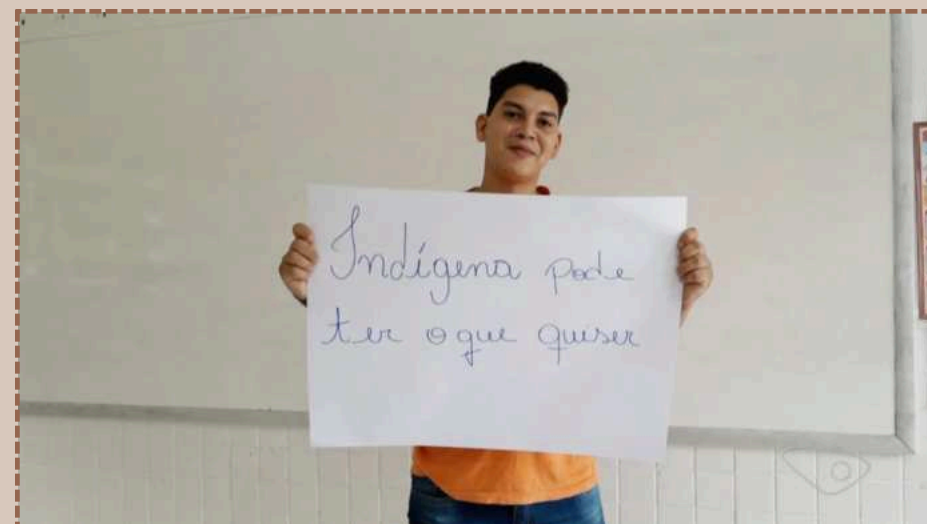
Sua estrutura arquitetônica foi inspirada em antigas aldeias Tupinikim, tornando o espaço não apenas um ponto de encontro e formação, mas também um atrativo para quem deseja conhecer mais sobre a cultura indígena local por meio do etnoturismo.

O Ka'arondarapé é mais do que um centro cultural: é um lugar vivo de memória, resistência e celebração da ancestralidade.

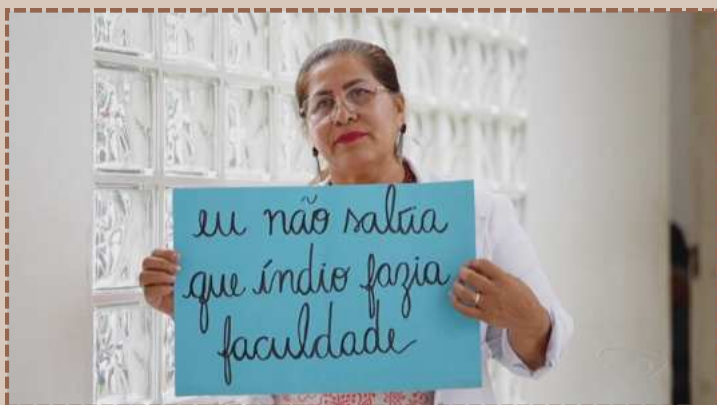
**Vamos repensar
as nossas
expressões!**

[Voltar ao Índice](#)





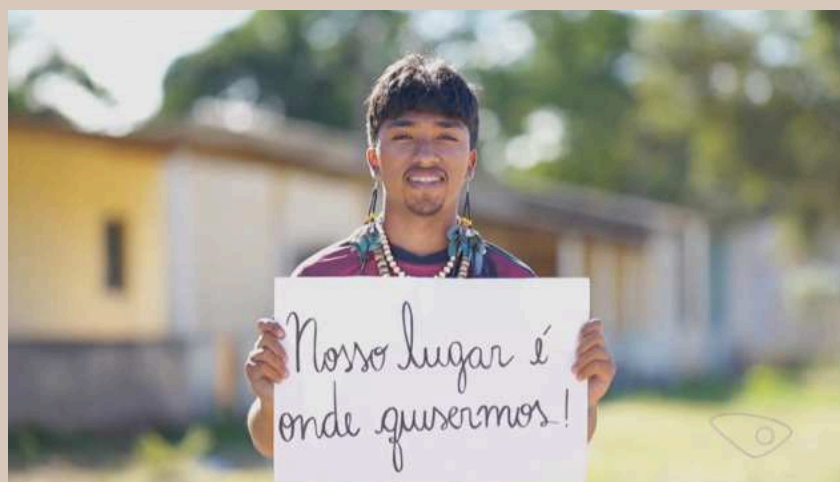
Maynõ Cunha da Silva, indígena do povo Guarani, professor da aldeia Boa Esperança.



Vilma Benedito, indígena do povo Tupinikim, enfermeira-chefe da unidade de saúde de Caieiras Velha.



Talita Quiezza, indígena do povo Tupinikim, lash designer de Caieiras Velha.



Kaysã Tupinikim, indígena do povo Tupinikim da aldeia Irajá.



Renata Bento, indígena do povo Tupinikim, modista de Caieiras Velha.

Sugestões de Materiais Educativos!

[Voltar ao Índice](#)

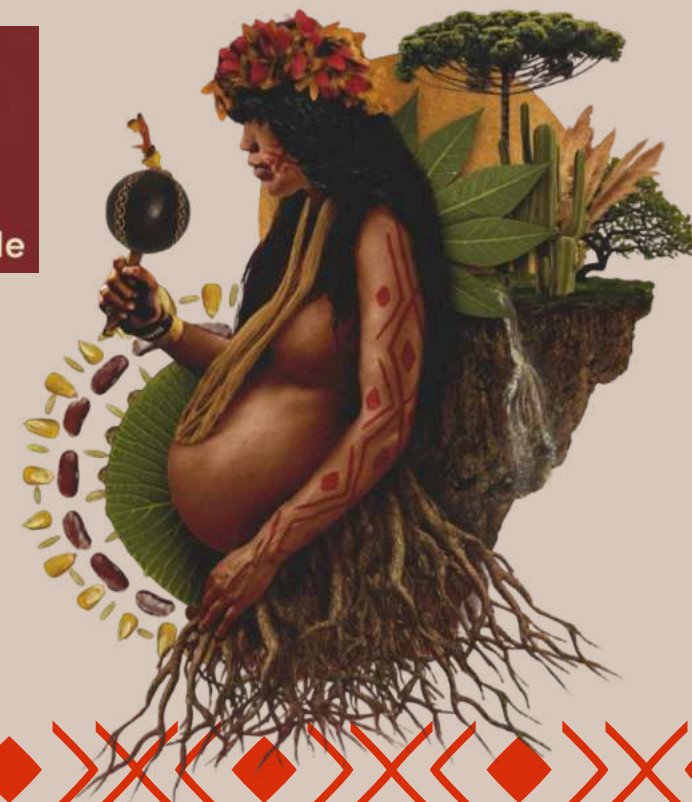


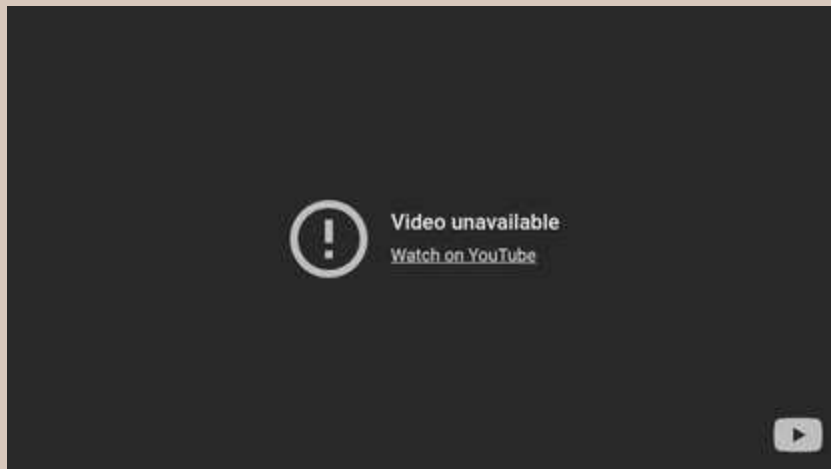


Materiais produzidos na Ação Saberes Indígenas na Escola - ES



Materiais produzidos na Ação Saberes Indígenas na Escola - SC

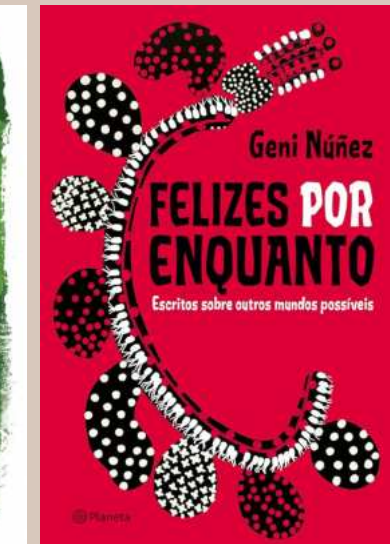
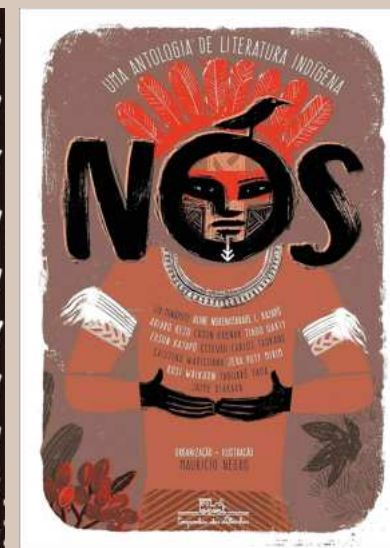
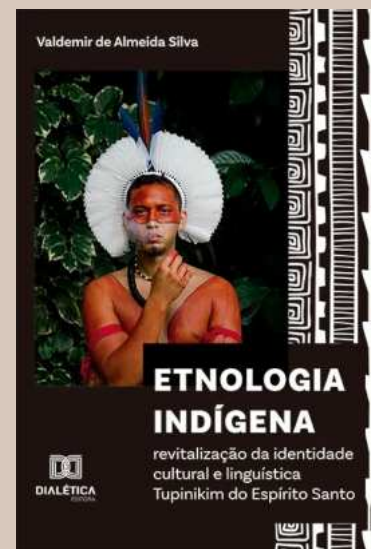




Filme no idioma Tupi antigo



Mulher indígena da etnia Pataxó no Espírito Santo





Museu das culturas indígenas



Museu do Índio - FUNAI



Museu da arte indígena



Povos Indígenas na pauta antirracista!

[Voltar ao Índice](#)



“Por que devemos nos inserir na pauta antirracista? Indígenas também sofrem racismo. Também somos vítimas dos discursos de ódio, sofremos ameaças, somos colocados como seres inferiores e incapazes. Nossas tradições e costumes também são negadas e vistas como um mal a ser combatido.

As proporções e a maneira que o racismo atinge o povo preto é diferente da que atinge as diversas etnias indígenas. Os dois grupos sofrem RACISMO. [...] O que incomoda são os discursos importantes de amigas e amigos pretos quando esquecem de nos mencionar. Isso precisa mudar. Racismo tem a ver com as violações históricas que sofremos e continuamos a sofrer atualmente. Nossos parentes seguem sendo mortos em suas aldeias, muitas vezes por defender seus territórios contra os avanços capitalistas do que chamam de ‘civilização’. Essa é a história do país e do mundo e precisa ser lembrada como uma prática também RACISTA ou étnico-racial como alguns preferem. Vidas negras importam significa que essas vidas não foram respeitadas ao longo da construção dessa sociedade. O sistema de polícia, de (IN)JUSTIÇA e de medidas adotadas pelos governos não são pensados nas vidas que não importam. E isso nos inclui.”

Texto: Juliana Guajajara



Imagem e Fonte: @abyayalese, 2020

“É fundamental que nossas vozes sejam ouvidas e que as nossas contribuições sejam reconhecidas e valorizadas em toda a sociedade”

Elizandra Fygsãnh Freitas

